



DACEC

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUÍ**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 30/06/2017 a 06/07/2017

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²

¹ Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, bacharel em economia pela UNIJUÍ, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUÍ e aluna do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUÍ e ADM – Administração UNIJUÍ

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
30/06/2017	9,42	304,40	32,93	5,11	3,70
03/07/2017	9,64	311,90	33,13	5,36	3,78
04/07/2017	feriado	feriado	feriado	feriado	feriado
05/07/2017	9,76	316,50	33,15	5,39	3,81
06/07/2017	9,80	320,00	32,83	5,19	3,80
Média	9,66	313,20	33,01	5,26	3,77

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais* (compra e venda)
no mercado de lotes brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média	Var. % relação média anterior
RS - Passo Fundo	67,95	4,78
RS - Santa Rosa	67,35	4,50
RS - Ijuí	67,35	4,50
PR - Cascavel	65,55	4,71
MT - Rondonópolis	62,80	5,44
MS - Ponta Porá	59,60	4,38
GO - Rio Verde (CIF)	62,20	3,67
BA - Barreiras (CIF)	63,40	4,97
MILHO		
Argentina (FOB)**	148,40	1,78
Paraguai (FOB)**	92,50	-5,61
Paraguai (CIF)**	140,00	-5,41
RS - Erechim	25,75	-4,45
SC - Chapecó	25,65	-4,82
PR - Cascavel	21,10	-3,21
PR - Maringá	21,20	-5,78
MT - Rondonópolis	15,95	0,31
MS - Dourados	17,95	-0,83
SP - Mogiana	24,15	1,05
SP - Campinas (CIF)	26,83	0,41
GO - Goiânia	19,40	-5,37
MG - Uberlândia	23,40	-4,10
TRIGO		
RS - Carazinho	635,00	0,00
RS - Santa Rosa	600,00	1,69
PR - Maringá	676,50	1,58
PR - Cascavel	674,00	3,06

*Período entre 30/06/2017 a 06/07/17

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. ** Preço

médio em US\$/tonelada. *** Em reais por tonelada

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 06/07/2017**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	22,52	61,38	31,83

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER-RS.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
06/07/2017**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	39,23
Feijão (saco 60 Kg)	139,25
Sorgo (saco 60 Kg)	ND
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,23
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,20
Boi gordo (Kg vivo)*	5,04

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

ND: Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja deram um salto nesta semana em Chicago. O bushel da oleaginosa fechou o dia 06/07 em US\$ 9,80. Esta cotação é a mais elevada desde meados de maio passado. A média de junho ficou em US\$ 9,24/bushel, para o primeiro mês cotado, contra US\$ 9,53 em maio.

Os motivos são dois: 1) os relatórios de plantio e de estoques trimestrais, embora baixistas, apenas confirmaram o que o mercado já havia precificado, sem trazer informações adicionais. Por exemplo, o aumento na área de soja nos EUA ficou realmente em 7%, com a mesma atingindo a 36,22 milhões de hectares, quando o mercado esperava 7,8% em razão de uma possível transferência de área de milho para a soja, fato que, aparentemente, não ocorreu. Por sua vez, o relatório de estoques trimestrais trouxe um volume de 26,2 milhões de toneladas na posição 1º de junho, representando um aumento de 11% sobre igual momento do ano passado; 2) o segundo motivo tem, agora, proporções mais fortes e trata do comportamento climático. A expectativa de um clima mais quente e seco durante o mês de julho levou o mercado a especular possíveis futuras quebras na safra de soja (aliás, um comportamento que sempre ocorre em Chicago nesta época do ano). Ou seja, a volatilidade é o ponto central em Chicago, fato que levou muitos fundos para a ponta compradora, após estarem sobrevendidos por um bom tempo.

Efetivamente, a partir de agora o clima toma conta do mercado, pelo menos até meados de setembro, quando se inicia a colheita nos EUA. Dito isso, é bom lembrar que a área anunciada com soja neste país é recorde histórico, fato que pode levar a um novo recorde de produção no final do ano caso o clima não traga reais transtornos às lavouras.

Dito isso, as fortes altas do trigo em Chicago também ajudaram a puxar para cima a soja. Ao mesmo tempo, as condições das lavouras estadunidenses reduziram o percentual de boas a excelentes, com o mesmo ficando em 64% até o dia 02/07, após 66% uma semana antes.

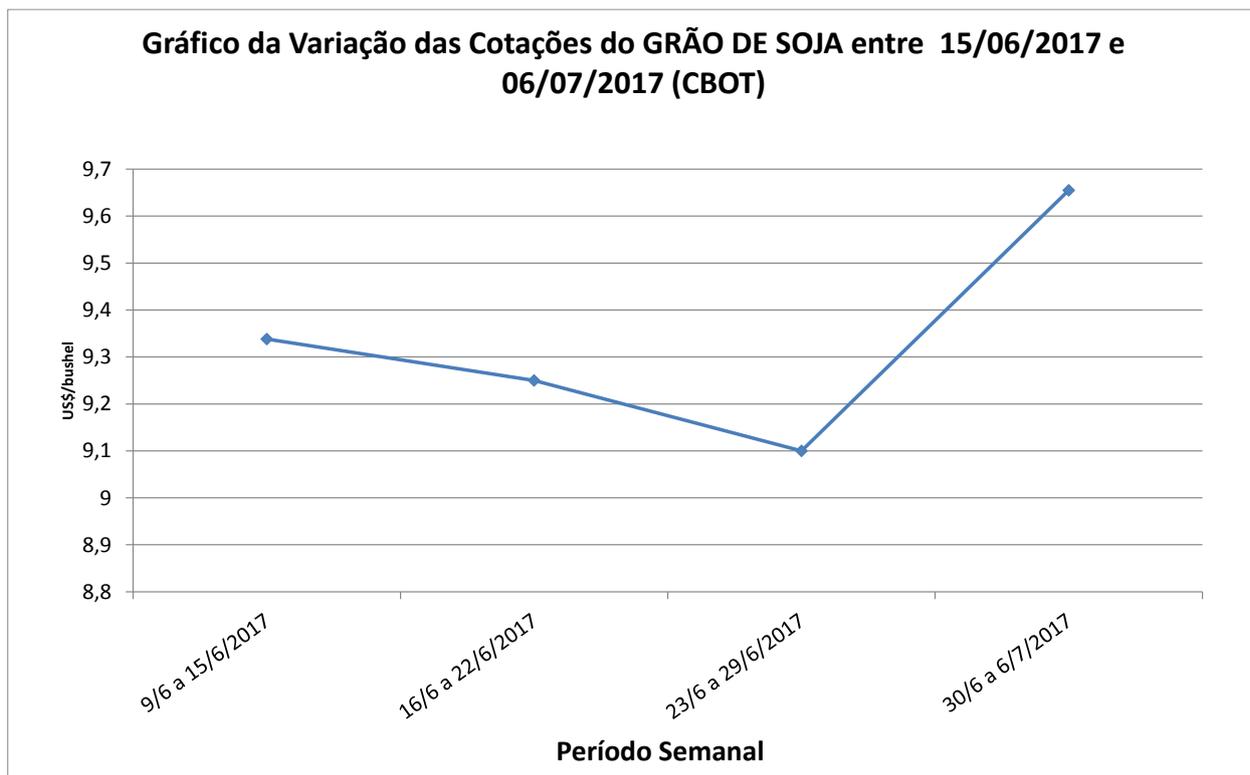
Por sua vez, na Argentina, a colheita atingiu a 98% da área neste início de julho. Como contraponto desta alta momentânea, na China muitos navios estão sem poder descarregar soja devido a problemas portuários no país. Isso tende a frear parcialmente as compras chinesas da oleaginosa nas próximas semanas.

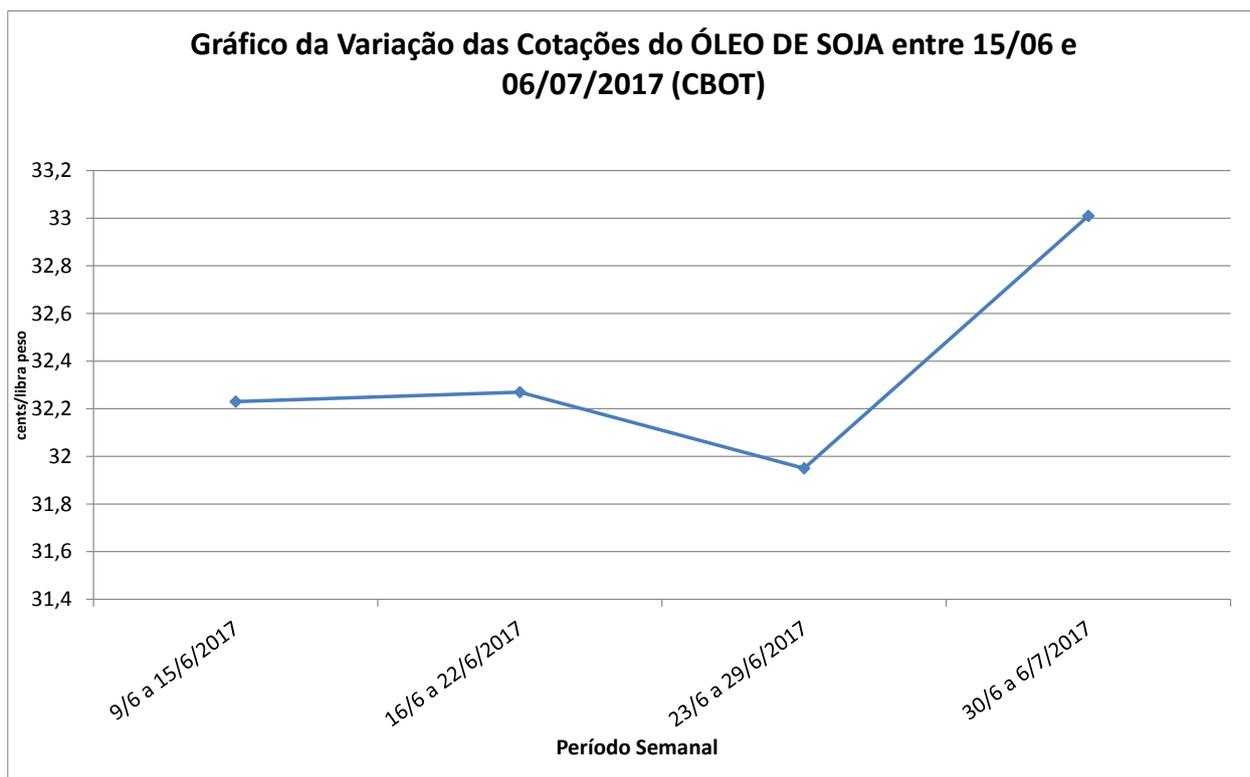
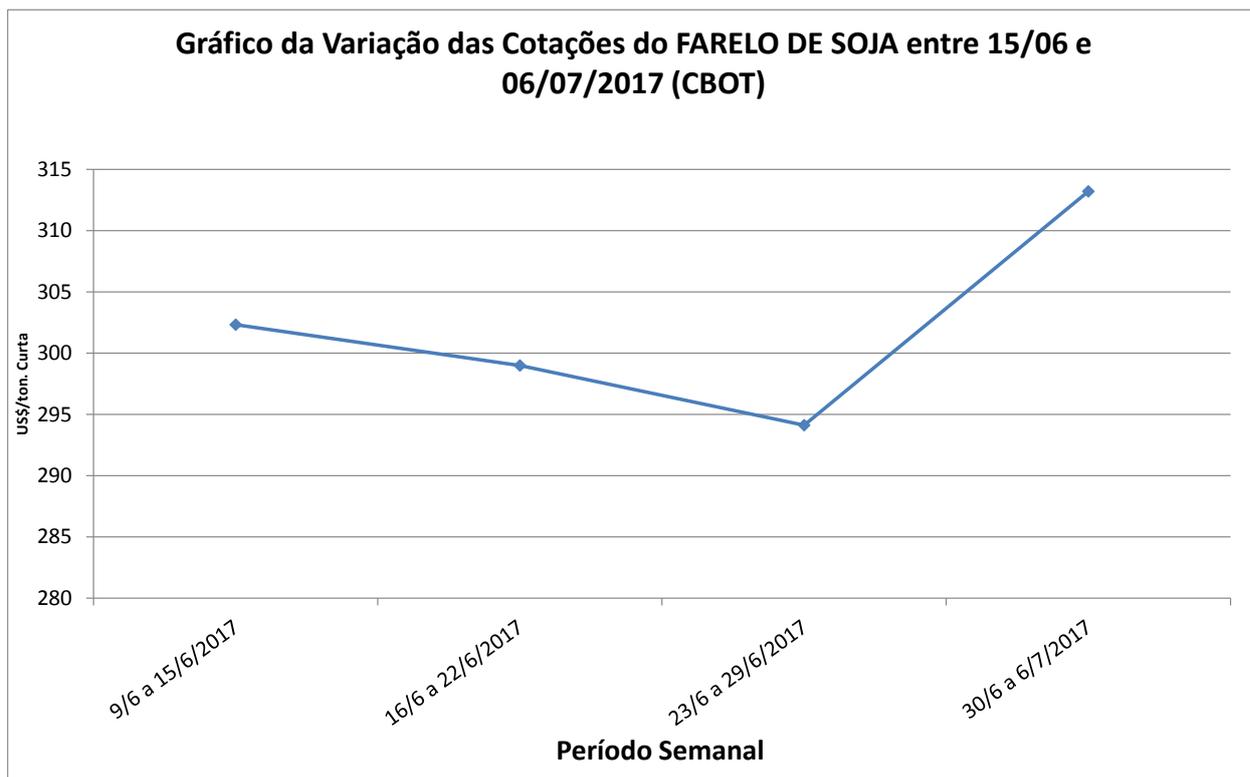
No Brasil, os preços subiram, puxados pelas altas em Chicago e pela manutenção do câmbio entre R\$ 3,28 e R\$ 3,32 no transcorrer da semana. Assim, a média gaúcha no balcão subiu para R\$ 61,38/saco, enquanto os lotes chegaram a valores entre R\$ 68,00 e R\$ 69,00/saco na média semanal. Nas demais praças nacionais os lotes giraram entre R\$ 57,00/saco em Sorriso, Diamantino e Nova Xavantina (MT) e R\$ 69,00/saco em Campos Novos (SC), passando por R\$ 67,50 em Pato Branco (PR), R\$ 62,00 em Pedro Afonso (TO), R\$ 64,00 em Uruçuí (PI) e R\$ 60,00/saco em Goiatuba (GO), conforme Safras & Mercado.

Ou seja, o mercado brasileiro vive uma nova janela positiva de comercialização da soja, a qual é muito instável nesta época do ano. A vulnerabilidade do mercado em Chicago, devido ao clima nos EUA, associada a possíveis oscilações cambiais no

Brasil devido à crise política e econômica do país, deverão trazer algumas janelas positivas de comercialização, pelo menos até fins de setembro. Após, será necessário observar em quanto será a colheita estadunidense efetivamente (espera-se, pelo menos, 115 milhões de toneladas na atual safra) e como ficará a situação política no país com a proximidade do final do ano. Portanto, os produtores rurais que ainda possuem soja, e são muitos no Brasil em geral e no Rio Grande do Sul em particular, devem ficar atentos a estes momentos mais propícios aos negócios que poderão surgir, como é o caso desta atual semana.

Abaixo seguem os gráficos da variação de preços da soja e seus derivados no período de 15/06/2017 a 06/07/2017.





MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago subiram um pouco, porém, não na mesma intensidade do que na soja. O fechamento do bushel do cereal, no dia 06/07, ficou em US\$ 3,80, após US\$ 3,81 na véspera, considerando o primeiro mês cotado. A média de junho ficou em US\$ 3,72/bushel, contra US\$ 3,66 em maio. Esse comportamento

menos incisivo das altas no milho repete o período especulativo do ano passado e nos remete a termos muito cuidado, pois o cereal deveria estar mais propenso a perdas, neste momento, em função de um clima mais quente e seco no Meio Oeste dos EUA. Portanto, isso reforça, por enquanto, a hipótese de que a pressão sobre os preços da soja é muito mais especulativa do que propriamente motivada por questões reais.

Dito isso, os relatórios de plantio e de estoques trimestrais, na posição 1º de junho, apontaram uma redução de 3% na área semeada com milho nos EUA, com a mesma ficando em 36,79 milhões de hectares, não confirmando a expectativa de que tal área pudesse, pela primeira vez na história, ser menor do que a de soja naquele país. Já em termos de estoques, os mesmos chegaram a 132,9 milhões de toneladas em junho deste ano, com aumento igualmente de 11% sobre igual momento do ano passado.

É bom lembrar que no dia 12/07 teremos mais um relatório de oferta e demanda do USDA o qual, desta vez, já deverá trazer informações mais apuradas sobre os volumes futuros de colheita e de estoques finais nos EUA e no mundo para a safra 2017/18.

Enfim, até o dia 02/07 as condições das lavouras de milho nos EUA apontavam 68% entre boas a excelentes, com melhoria de um ponto percentual em relação a semana anterior, enquanto 24% estavam regulares e 8% entre ruins a muito ruins.

Na Argentina e no Paraguai, a tonelada FOB de milho fechou a semana na média de US\$ 152,00 e US\$ 92,50 respectivamente, havendo certa melhora nos preços argentinos sobre a semana anterior.

No Brasil, a semana começou com um mercado sob efeito da pressão da colheita da safrinha e, portanto, com tendência de novas baixas nos preços internos do cereal. Tudo indica que tal safrinha terminará com recorde de produção e grande produtividade média.

Diante de tal quadro, e da estagnação do câmbio entre R\$ 3,28 e R\$ 3,32 por dólar, os preços futuros brasileiros acusavam recuo, com as tradings continuando a cortar prêmios. Os consumidores retraídos aumentavam o sentimento de recuo nos preços.

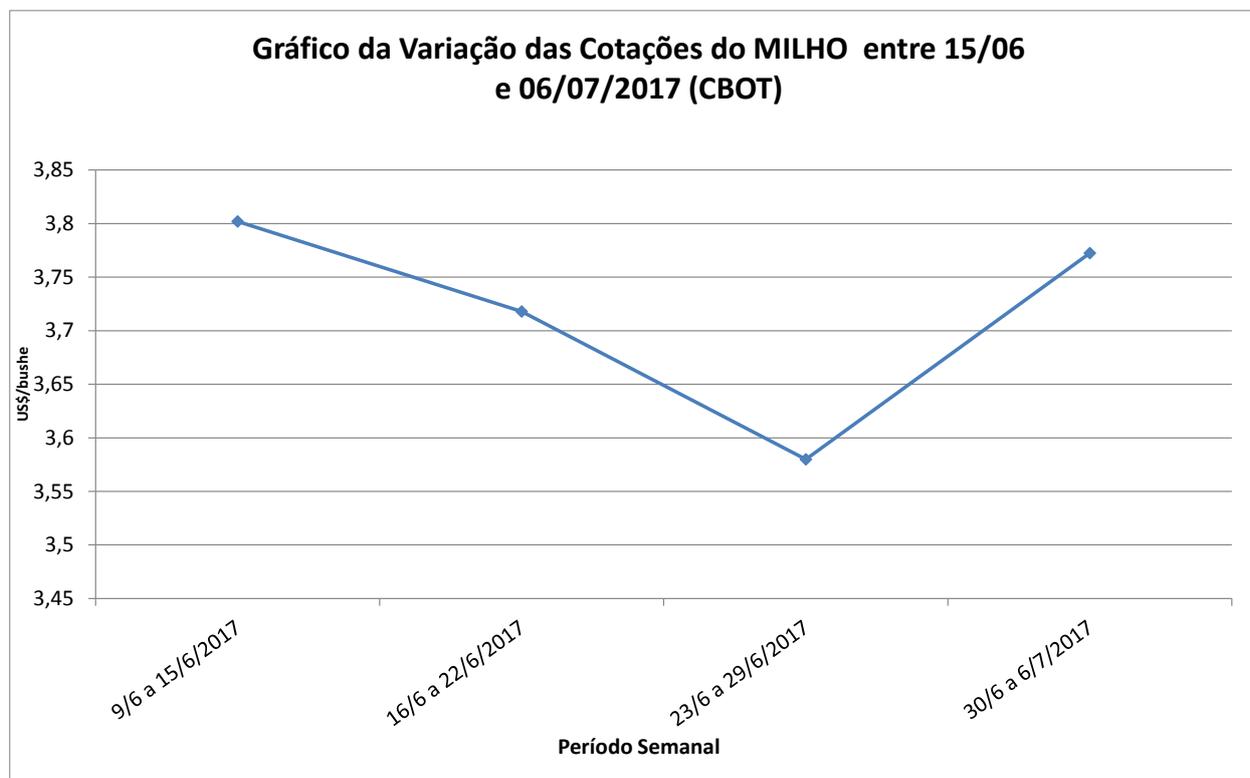
Esse quadro se modificou um pouco no transcorrer da semana diante das altas em Chicago e da forte especulação de clima seco nos EUA. Com isso, os níveis de preços no porto de Santos voltaram à casa dos R\$ 29,00 a R\$ 30,00/saco, criando melhores expectativas junto ao mercado nacional.

Todavia, o ritmo de exportações continua muito baixo. Segundo a SECEX o Brasil teria exportado apenas 563.200 toneladas em junho, enquanto os portos apontam embarques ao redor de 1,1 milhão de toneladas. Pelo sim ou pelo não, o fato é que as duas informações estão muito aquém da necessidade nacional de exportação, que seria de 5 milhões de toneladas mensais até o dia 31/01/2018, quando se encerra o ano comercial nacional para o milho.

Assim, a semana termina com muitas incertezas, e a tendência de forte volatilidade em julho deverá ser a tônica. Por enquanto, o preço médio no balcão gaúcho fecha a primeira semana de julho em R\$ 22,52/saco, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 25,00 e R\$ 25,50/saco. Nas demais praças nacionais, os lotes oscilaram entre R\$ 13,00/saco

em Sorriso e Campo Novo do Parecis (MT) e R\$ 25,50/saco em Videira e Concórdia (SC). Por sua vez, no interior paulista os preços ficaram entre R\$ 24,00 e R\$ 25,50/saco, enquanto o referencial Campinas indicou R\$ 27,50 a R\$ 28,00/saco no CIF mercado disponível (cf. Safras & Mercado).

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do milho no período entre 15/06/2017 a 06/07/2017.



MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo continuaram disparando em Chicago. O fechamento desta quinta-feira (06) ficou em US\$ 5,19/bushel, após ter alcançado US\$ 5,39 na véspera e US\$ 4,80 uma semana antes. A média de junho ficou em US\$ 4,53, contra US\$ 4,29/bushel em maio. A cotação de US\$ 5,39 não era vista desde meados de julho de 2015, portanto, há praticamente dois anos.

E o principal motivo de tal disparada é o clima ruim nas Planícies estadunidenses, o qual atinge negativamente muito mais o trigo atualmente do que a soja e o milho (o retorno parcial das chuvas no dia 06/07, e ajustes técnicos com vendas para auferir lucros por parte dos operadores, derrubou as cotações neste dia). Com isso, a possibilidade de uma produção ainda menor neste ano (o relatório de plantio apontou uma área semeada em recuo de 9%, ficando em 18,49 milhões de hectares, ou seja, a menor área desde que o país começou a registrar as estatísticas a respeito, em 1919) agitou o mercado. E nem mesmo o anúncio de que os estoques trimestrais na posição 1º de junho ficaram 21% mais elevados (32,1 milhões de toneladas) do que na mesma data de 2016 ajudou a reverter o quadro altista.

Por outro lado, as condições das lavouras de trigo de primavera nos EUA, o mais atingido pela seca, recuaram para 37% entre boas a excelentes, ficando o restante entre 30% regulares e 33% entre ruins a muito ruins no dia 02/07. Na semana passada as lavouras se dividiam respectivamente em 40%, 32% e 28%. Ainda no dia 02/07, 48% das lavouras de trigo de inverno estavam entre boas e excelentes condições, 35% em situação regular e 17% em condições entre ruins e muito ruins. Na semana anterior, os números eram de 49%, 35% e 16%, respectivamente. A colheita de trigo de inverno era apontada em 53% até o dia 2 de julho, contra a média histórica de 54% (cf. USDA, Safras & Mercado).

No Mercosul, a tonelada FOB para exportação oscilou entre US\$ 180,00 e US\$ 200,00, já repercutindo as altas em Chicago.

E aqui no Brasil, as condições de preços, que já vinham melhorando devido a escassez de produto nacional e do Mercosul, acabaram sinalizando novas melhoras devido ao mercado internacional.

E isso mesmo com o plantio avançando bem, tendo chegado a 92% no Paraná e 71% no Rio Grande do Sul no início da semana, afastando um pouco o receio de uma redução mais aguda na semeadura gaúcha, embora isso tende a ocorrer de alguma forma em determinadas regiões. Na Argentina, o plantio atingiu a 65% da área esperada no início de julho.

Em termos de preços internos, como as cotações na Argentina são balizadas por Chicago, um aumento dos preços nesta Bolsa, como é o caso, reflete indiretamente no Brasil devido a um custo maior na importação do trigo argentino, na medida em que o vizinho país repercute as altas nos EUA. Hoje o trigo argentino chega CIF São Paulo a R\$ 823,00/tonelada. Para chegar ao mesmo destino o trigo paranaense no FOB teria que estar em R\$ 674,00/tonelada. Já o produto do Kansas (EUA), nas atuais condições de preço, chega em São Paulo a R\$ 1.139,00/tonelada. Isso significa dizer que, em se mantendo as altas em Chicago, o produto argentino deverá subir ainda mais, elevando os preços brasileiros por consequência. Especialmente se o câmbio no Brasil se mantiver acima de R\$ 3,30 por dólar (cf. Safras & Mercado).

Nesse momento, estima-se que haja ainda entre 10% a 20% da safra velha de trigo a ser comercializada no Brasil. Por sua vez, as condições de preços igualmente melhoraram para a safra nova, que está em fase final de plantio.

Todavia, não se pode esquecer que o limite para as altas está relacionado aos maiores volumes produzidos na Argentina, os quais, nesta nova safra, poderão se aproximar de 20 milhões de toneladas caso o clima ajude.

Neste contexto, a média gaúcha na semana chegou a R\$ 31,83/saco, com viés de alta, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 36,00 e R\$ 37,20/saco. No Paraná os lotes oscilaram entre R\$ 39,60 e R\$ 41,10/saco. Ou seja, os preços nacionais ainda não estão repercutindo a totalidade dos aumentos ocorridos no mercado internacional. Para tanto, é preciso que a Argentina, e os demais parceiros do Mercosul, aumentem ainda mais seus preços, sob influência de Chicago. Lembramos que somente da Argentina o Brasil já importou 3,8 milhões de toneladas de trigo neste ano. Ou seja, as indústrias nacionais ainda estão bem abastecidas.

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do trigo no período entre 15/06/2017 a 06/07/2017.

